



As Práticas e a Docência em Música

Josiane Paula Maltauro Lopes
(Organizadora)

Josiane Paula Maltauro Lopes
(Organizadora)

As Práticas e a Docência em Música

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P912	As práticas e a docência em música [recurso eletrônico] / Organizadora Josiane Paula Maltauro Lopes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-548-8 DOI 10.22533/at.ed.488192008 1. Música – Instrução e estudo. 2. Prática de ensino. 3. Professores de música – Formação. I. Lopes, Josiane Paula Maltauro. CDD 780.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ao nos referirmos às práticas e à docência em música, abordamos temáticas que vão além do ensino e aprendizagem da música no âmbito tradicional. A prática musical envolve as questões da performance de modo como o músico se prepara para tal. O que está em voga, nos dias atuais, é justamente a análise e a revisão de métodos e práticas a fim de torná-los cada vez mais proveitosos no desenvolvimento musical diante de uma sociedade em constante transformação. Ao mesmo tempo, as análises e revisões de métodos e metodologias do ensino de música tornam a docência uma atividade viva, dinâmica e que está continuamente em processo de renovação.

O livro “As práticas e a docência em música” aqui apresentado, se inicia com um capítulo que busca levantar discussões importantes sobre como a legislação em vigor reconhece a música na Educação Infantil, por intermédio de um estudo voltado para os documentos orientadores das práticas escolares, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 2017) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), justapondo-se aos estudos teóricos sobre o desenvolvimento da linguagem segundo Piaget (2015), Vygotsky(1993). Intitulado “Traços, sons, cores e formas: a linguagem musical na base curricular da Educação Infantil”, este primeiro capítulo aponta que a evolução das concepções de aprendizagem evidenciam as contribuições da música, mas é preciso que os ambientes sejam construídos com fluidez nos conceitos, reflexões, e oportunidades reais de experiências concretas, ou não, do aluno com a música, e isso implica em um diálogo educacional articulado com a legislação, com as necessidades da comunidade em que se insere e sempre atento ao sujeito que integra o contexto.

No segundo capítulo, cujo título é “Educação musical e sociologia da infância: uma aproximação a partir da proposta pedagógica de Carl Orff” é apresentada uma leitura das ideias de Carl Orff à luz de conceitos como reprodução interpretativa e cultura de pares, de modo a apontar para especificidades acerca da concepção de infância que orientam o aporte orffiano. Nesse sentido, ressalta-se que, ao lidar com a abordagem orffiana, faz-se necessário refletir sobre o que se entende por processos de ensino e aprendizagem mais adequados ao fazer musical na infância no tempo presente.

O terceiro capítulo discute as relações entre *autonomia* e *transmissão de conhecimento* em uma prática educativa fomentadora do processo criativo. Com o título “Sobre autonomia e transmissão de conhecimento no processo criativo inserido em uma prática educativa” o autor propõe uma análise que permite tomarmos as relações entre autonomia e transmissão de conhecimento como um processo dialético, provendo elementos para a reflexão da educação musical.

Na sequência, apresentamos o capítulo quatro, cujo título é “A improvisação livre como ferramenta pedagógica no movimento escola moderna”. Neste capítulo o

autor apresenta um histórico da educação musical no Movimento Escola Moderna, iniciado pelo educador francês Célestin Freinet buscando aproximar esta abordagem pedagógica e os leitores da área da educação musical. Além disso, são apresentados dois conceitos freinetianos que direcionam as atividades escolares às práticas criativas: livre expressão e tateamento experimental. Para fechar o capítulo o autor relaciona características da improvisação livre com conceitos freinetianos por meio de exemplos de atividades realizadas por professores.

O quinto capítulo trata a respeito da possibilidade de uma contradição na teoria da audição a qual aproxima-se da Psicologia Histórico-Cultural quando esboça a problematização do significado como uma relação entre a linguagem e pensamento. Com o título “As relações entre linguagem, pensamento e significado na teoria da audição: dos limites de uma contradição às contribuições para a pedagogia histórico-crítica” o capítulo aponta que as contribuições da teoria da audição podem ser decisivas neste caminho, já que nela estão pré-formuladas tentativas de definir elementos essenciais da Psicologia Histórico-Cultural como a imagem subjetiva da realidade objetiva, a linguagem e o pensamento.

“Espanhol para falantes brasileiros e português brasileiro para falantes hispano-americanos: dois estudos de caso em dicção para cantores” é o título do sexto capítulo que apresenta dois estudos de caso ocorridos na disciplina Dicção em cursos de canto: o primeiro, com alunos brasileiros de curso técnico na interpretação de repertório espanhol; o segundo, com hispano-americanos de curso de graduação na interpretação de repertório brasileiro. As conclusões apontam que o professor de canto contribui ao aplicar estudos de fonética articulatória, alfabeto fonético internacional, transcrição fonética, com ênfase nas características fonético-fonológicas que distinguem cada uma destas línguas, para que os alunos possam cantar estes e outros repertórios com dicção adequada.

No sétimo capítulo são apresentadas as mais comuns dificuldades técnicas encontradas por um barítono. O objetivo do trabalho foi contextualizar questões importantes para o treino vocal dos cantores dessa classificação. As conclusões apontam para existência de subclasificações para a voz de barítono bem como as principais dificuldades que os barítonos encontram na prática vocal.

Seguindo para o fechamento deste livro, o oitavo capítulo intitulado “A influência do canto na interpretação instrumental e da viola de arco nos séculos XVI a XIX”, apresenta a proximidade interpretativa que houve pela história entre instrumentos e canto, e viola e canto. As considerações finais evidenciam a influência que as teorias ligadas à expressividade da fala e da voz exerciam sobre a prática vocal, que era modelo de interpretação expressiva para os instrumentos, principalmente dos séculos XVI ao XIX.

No último capítulo, cujo título é “Processos cognitivos na metodologia de Otakar Ševčík para a aprendizagem inicial do violino”, destaca-se a aplicabilidade de procedimentos relativos à memória muscular e ao desenvolvimento auditivo presentes

na metodologia de ensino de Ševčík para o aprendizado inicial do violino. No capítulo, os autores enfatizam legado de Ševčík, do qual apreende-se que a interligação correta de processos cognitivos atua positivamente na execução de movimentos simultâneos complexos, e que as percepções auditivas, visuais e cinestésicas, se estimuladas conscientemente, conduzem de modo decisivo o aprendizado.

Desejamos que este material possa somar de maneira significativa às abordagens de práticas musicais, bem como, às atividades relacionadas à docência em música. Parabenizamos os autores pelas pesquisas bem fundamentadas, e principalmente à Atena Editora por permitir que o conhecimento seja difundido e disponibilizado para que as novas gerações se interessem cada vez mais pela prática e pela docência em música.

Josiane Paula Maltauro Lopes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS: A LINGUAGEM MUSICAL NA BASE CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Géssica Pereira Monteiro Rangel	
DOI 10.22533/at.ed.4881920081	
CAPÍTULO 2	8
EDUCAÇÃO MUSICAL E SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA: UMA APROXIMAÇÃO A PARTIR DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE CARL ORFF	
Tamy de Oliveira Ramos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.4881920082	
CAPÍTULO 3	15
SOBRE AUTONOMIA E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO NO PROCESSO CRIATIVO INSERIDO EM UMA PRÁTICA EDUCATIVA	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.4881920083	
CAPÍTULO 4	23
A IMPROVISAZÃO LIVRE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO MOVIMENTO ESCOLA MODERNA	
Tamy de Oliveira Ramos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.4881920084	
CAPÍTULO 5	31
AS RELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM, PENSAMENTO E SIGNIFICADO NA TEORIA DA AUDIÇÃO: DOS LIMITES DE UMA CONTRADIÇÃO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.4881920085	
CAPÍTULO 6	43
ESPAÑHOL PARA FALANTES BRASILEIROS E PORTUGUÊS BRASILEIRO PARA FALANTES HISPANO-AMERICANOS: DOIS ESTUDOS DE CASO EM DICÇÃO PARA CANTORES	
Jeanne Maria Gomes Rocha Lorenzetti	
DOI 10.22533/at.ed.4881920086	
CAPÍTULO 7	51
BARÍTONOS: PARÂMETROS VOCAIS DESEJADOS NA PEDAGOGIA DO CANTO, DIFICULDADES TÉCNICAS COMUNS E SUBCLASSIFICAÇÕES	
Régis Luís de Carvalho Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4881920087	
CAPÍTULO 8	64
A INFLUÊNCIA DO CANTO NA INTERPRETAÇÃO INSTRUMENTAL E DA VIOLA DE ARCO NOS SÉCULOS XVI A XIX	
Cindy Folly Faria	
DOI 10.22533/at.ed.4881920088	

CAPÍTULO 9	71
PROCESSOS COGNITIVOS NA METODOLOGIA DE OTAKAR ŠEVČÍK PARA A APRENDIZAGEM INICIAL DO VIOLINO	
Carmela de Mattos	
Cáudia Zanini	
Eliane Leão	
DOI 10.22533/at.ed.4881920089	
SOBRE A ORGANIZADORA	80
ÍNDICE REMISSIVO	81

ESPAÑHOL PARA FALANTES BRASILEIROS E PORTUGUÊS BRASILEIRO PARA FALANTES HISPANO-AMERICANOS: DOIS ESTUDOS DE CASO EM DICÇÃO PARA CANTORES

Jeanne Maria Gomes Rocha Lorenzetti

Foz do Iguaçu – Paraná

RESUMO: Este artigo apresenta dois estudos de caso ocorridos na disciplina Dicção em cursos de canto: o primeiro, com alunos brasileiros de curso técnico na interpretação de repertório espanhol; o segundo, com hispano-americanos de curso de graduação na interpretação de repertório brasileiro. Os relatos propõem levantamento, análise e discussão dos principais pontos de dificuldade na pronúncia para os grupos e línguas em questão, na busca por subsídios fonéticos e didáticos que venham contribuir para uma melhor compreensão do processo ensino-aprendizagem destes repertórios.

PALAVRAS-CHAVE: Canto. Dicção para cantores. Português brasileiro cantado. Espanhol cantado. Pedagogia vocal.

SPANISH FOR BRAZILIAN SPEAKERS AND BRAZILIAN PORTUGUESE FOR SPANISH-AMERICAN SPEAKERS: TWO CASE STUDIES OF DICTION FOR SINGERS

ABSTRACT: This article presents two case studies occurred in the discipline Diction in

singing courses: the first, with Brazilian students of technical course in the interpretation of Spanish repertoire; the second, with Hispanic-American undergraduate students, in the interpretation of Brazilian repertoire. The reports propose a survey, analysis and discussion of the main difficulty points in pronunciation for the groups and languages in question, in the search for phonetic and didactic subsidies that contribute to a better understanding of the teaching-learning process of these repertoires.

KEYWORDS: Singing. Diction for singers. Brazilian portuguese sung. Spanish sung. Vocal pedagogy.

Tomamos como objeto de investigação o aspecto linguístico do canto que diz respeito à dicção ou maneira de pronunciar a língua na qual foi escrito o repertório pretendido pelo cantor. Registramos em trabalhos anteriores (ROCHA, 2013) que em sua formação acadêmica o cantor executa repertórios em diversas línguas, embora não seja um falante destas. Tal processo de aprendizagem se dá nas aulas de canto e na disciplina Dicção, que tem por objetivo sensibilizar e capacitar o cantor na pronúncia, tanto da língua materna, quanto de outras cujos repertórios se fazem presentes na academia e espaços musicais profissionais. Pressupomos que no futuro os

egressos destes cursos atuem também como professores de canto, orientando alunos em repertórios em línguas diversas. Sendo assim, necessitam uma formação onde o aspecto linguístico do canto (texto e língua) tenha o mesmo peso de aspectos teórico-musical, técnico-vocal e interpretativo, entre outros. Brawerman-Albini & Kluge (2010, 1) apontam duas causas comuns a problemas de pronúncia dos alunos: 1) um *input* incorreto por parte do professor; 2) a falta de correção do professor para o aluno. As autoras apontam que a falta de conhecimento linguístico de alguns professores faz com que “*tenham dificuldades em identificar erros na pronúncia de seus alunos e em ajudá-los a resolvê-los*”.

Nesta intenção, propomos compartilhar experiências do ensino-aprendizagem da dicção das línguas português brasileiro e espanhol, sendo esta a de menor número de pesquisas no âmbito latino-americano, desde já, mencionando o trabalho de Pinheiro (2010). Delimitamos para análise alguns aspectos fonéticos relacionados a vogais e consoantes, com atenção à interferência linguística, quando o falante leva para a língua estrangeira características fonéticas ou fonológicas da língua materna.

1 | MATERIAIS E MÉTODOS

Caso 1

Este caso ocorreu em 2015 durante aulas da disciplina Dicção 2 Espanhol que ministramos a alunos brasileiros do curso técnico em canto do Conservatório de Música Cora Pavan Capparelli em Uberlândia, Minas Gerais, Região Sudeste.

Dos participantes, material didático e abordagem de ensino: três alunos entre dezoito e vinte e dois anos, oriundos desta região, com pouca experiência com a língua espanhola, quase limitada a estudo de repertório durante o curso; uma graduada em Letras/Português, uma graduanda em Arquitetura e um estudante do Ensino Médio. No ano anterior cursaram dois semestres da disciplina Dicção 1, conteúdos básicos de fonética articulatória, alfabeto fonético internacional e transcrição fonética – abordagem linguístico-analítica proposta em nossa pesquisa de mestrado (ROCHA, 2013). Foram abordados alguns fenômenos fonológicos e considerada a distinção fonética entre o espanhol falado na Europa e o falado na América Latina. O estudo foi realizado em dezesseis semanas, sendo dezesseis horas/aula.

Da coleta e preparação dos dados: na avaliação final cada aluno fez a leitura declamada de duas canções populares, uma europeia e uma americana, sendo: a) *Al alba*, do cantautor espanhol Luís Eduardo Aute Martínez (1943), em gravação interpretada pela cantora paulista, Rosa León; b) *Se si calla el cantor*, do cantautor argentino Horacio Guarany (1925-2017), em gravação interpretada por ele em duo com a cantora argentina Mercedes Sosa. As leituras foram gravadas em áudio e depois feita a transcrição fonética completa no processo de oitiva, sem equipamentos e *softwares*

específicos. Na organização dos dados para análise os alunos foram identificados por códigos: B1, B2, B3 (Brasileiro 1, 2, 3 respectivamente), e na distinção entre o espanhol europeu e o americano: B1-EE (Brasileiro 1, Espanhol Europeu), B1-EA (Brasileiro 1, Espanhol Americano); B2-EE/B2-EA e B3-EE/B3-EA, respectivamente.

Caso 2

Este caso ocorreu em 2016 durante aulas da disciplina Canto que ministramos a alunos hispano-americanos do curso de bacharelado em Música/Canto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) em Foz do Iguaçu, Paraná, região da tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai.

Das participantes, material didático e abordagem de ensino: três alunas entre dezenove e vinte e cinco anos, oriundas de Bolívia, Equador e Paraguai, com maneiras muito particulares de pronunciar a língua hispânica. As alunas eram iniciantes nos estudos acadêmicos de canto (segundo período), não conheciam a disciplina Dicção, qualquer conteúdo de fonética e a relevância deste aspecto do canto. Quanto às experiências com o português brasileiro, a boliviana, de Santa Cruz de La Sierra, cresceu ouvindo música brasileira, porém, o contato com a língua e seus falantes se deu apenas ao ingressar na UNILA; a equatoriana, de Guayaquil, não teve por costume ouvir música brasileira, nem contato com falantes, iniciando sua experiência ao ingressar na UNILA; a paraguaia, residente em Ciudad Del Este, na fronteira com o Brasil, apresentava maior familiaridade com os sons fonéticos da língua brasileira devido a contatos com familiares, professores e comércio. A UNILA, em sua proposta bilíngue e de integração latino-americana, oferece nos dois primeiros períodos as disciplinas obrigatórias Português para Estrangeiros e Espanhol para Brasileiros e outras nacionalidades, em prol da convivência de suas comunidades neste ambiente multicultural. Sendo assim, as alunas cursavam o segundo período de Português, naturalmente, comunicando-se na interlíngua portunhol, bastante ocorrente em regiões de fronteira. Quanto à dicção, o estudo de canções brasileiras se ocupou mais da percepção auditiva da língua que explicações de sons fonéticos; estes iam sendo aperfeiçoados com a prática, tendo como abordagem de ensino-aprendizagem: a imitação professor/aluno, a repetição da pronúncia falada e depois cantada, a associação a sons da língua materna, algumas vezes com notação de símbolos fonéticos para representar elementos mais complexos, desconhecidos a esta língua materna. O estudo foi realizado em dezesseis semanas, sendo dezesseis horas/aula.

Da coleta e preparação dos dados: a avaliação se deu em *masterclass* da classe de canto, quando cada aluna cantou uma canção popular brasileira, sendo: a) *Canta, canta mais*, de Antônio Carlos Jobim; b) *O Samba e o Tango*, de Caetano Veloso; c) *Águas de Março*, de Antônio Carlos Jobim. As performances foram gravadas em áudio e depois feita a transcrição fonética completa no processo de oitiva, sem equipamentos e *softwares* específicos. Na organização dos dados para análise as alunas foram

identificadas por códigos: E1, E2 e E3 (Estrangeira 1, 2, 3 respectivamente).

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Tomamos literaturas da Linguística Aplicada e da dicção para o canto. Brisolara (2016) considera que embora o espanhol e o português apresentem um sistema fonológico bastante semelhante, a fonologia destas duas línguas não funciona igual; em alguns casos o que é fonema em uma é alofone em outra e vice-versa (p. 33), daí as diferenças fonéticas. De acordo com a Real Academia Española, existem dois subsistemas fonológicos, um na Espanha, com exceção dos andaluzes e canários que compartilham o mesmo sistema fonológico dos hispano-americanos, com vinte e quatro fonemas, e outro na maior parte da Hispano América, em Andaluzia e em Canárias, com vinte e dois fonemas (p. 24). O sistema vocálico espanhol consta de cinco vogais [i e a o u] pronunciadas sem variações (p.22), nisto concordam (WALL et al., 1990, 252-257).

Nesta análise, para sons do espanhol fundamentamos: 1) **nasalização**: Brisolara (2016, 50) considera que o grau de nasalidade em espanhol se faz quase imperceptível em comparação ao português, todavia, se apoia em Quilis (2005) ao afirmar que no espanhol a nasalização aparece em dois casos: quando a vogal está entre duas consoantes nasais na mesma sílaba: ‘mundo’ ou em sílabas diferentes: ‘maña’, e antes de consoante nasal: ‘antes’ (p. 50). No aparte sobre dicção do espanhol no canto, Wall et al. (1990, 241-242) não se referem à nasalidade no espanhol; 2) **sibilantes**: De acordo com La Linguística Española: a) *seseo*: a pronúncia de “s”, “z” e “c” (ce, ci) como fricativa alveolar surda [s], como em: ‘casar’, ‘zapato’, ‘gracias’, sendo aplicada na maioria dos países hispano-falantes e na América Latina; b) *ceceo*: a pronúncia destes elementos como fricativa interdental surda [θ], como em: ‘ca[θ]ar’, ‘[θ]apato’, ‘gra[θ]ia[θ]’, presente em partes da Espanha que falam o andaluz; c) *distinción*: quando há contraste entre os fonemas /s/ e /θ/, se pronuncia a letra “s” como /s/ e as letras “z” e “c” (ce, ci) como /θ/ como em: ‘ca[s]ar’, ‘[θ]apato’, ‘gra[θ]ia[s]’, presente na maioria do centro e norte da Espanha. Brisolara (2016, 65) aponta que /z/ é um fonema do português, mas não do espanhol, e que este som pode ocorrer quando em posição de coda onde há a letra “s”, como, por exemplo, em ‘muslo’ e ‘desde’ (mu[ʒ]lo, de[ʒ]de), mas, em posição de ataque, soará [σ], como em ‘me[σ]a’, ‘ca[σσσ]marillas. Ela confirma /T/ como um fonema do espanhol (p. 26). Na dicção do canto, Wall et al. (1990) consideram o *seseo* e a *distinción* (págs. 236; 251) e também a assimilação de sonoridade de “s” em posição de coda (págs. 241; 266).

Quanto ao português, Cristófaro Silva (2010) considera que o sistema consonantal apresenta dezenove fonemas consonantais (p. 136) e o vocálico sete fonemas orais / i e E α □ o u / (p. 180), ocorrendo alçamento vocálico de vogais médias altas “e” e “o” para [I] e [Y] em postônicas finais e pretônicas, entre outras,

como em ‘jure’, ‘mato’, ‘perola’; que sons podem ser modificados de acordo com o contexto, como, por exemplo, assimilar a sonoridade ou a nasalidade de outrem (págs. 120-125). A assimilação de nasalidade em vogais ocorre quando seguidas por consoantes nasais [μ v ʃ N], como em ‘cama’, ‘sono’, ‘banho’, ‘tanga’. A assimilação de sonoridade de [σ] ocorre quando em proximidade de vogais ou consoantes sonoras, estas espriam sonoridade à sibilante, que passa a soar [ʒ], em contexto intervocálico, como em ‘casa’ e ‘os óculos’, e quando seguida por consoante sonora, como em ‘mesmo’. Quanto à dicção do canto em português brasileiro tomamos por base Rocha (2013) e Kayama et al. (2007).

Partindo destes pressupostos, selecionamos do *corpus* alguns dados com divergências fonéticas entre as duas línguas em questão, para os quais o professor deva se atentar ao orientar um falante brasileiro na pronúncia de repertório espanhol e vice-versa.

3 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Caso 1

Grupo 1: Vogais

Dados 1:

[ε]s	B1: [E]s	B2: [E]s	B3:[E]s
s[o]los	B1: s[o]los	B2: s[□]los	B3: s[o]los

Apenas o enunciado ‘solos’ em B1 e B3 foi pronunciado de acordo com a fonética proposta no referencial teórico. Para os demais ocorreu interferência linguística, pois os cantores trouxeram da língua materna o abaixamento de vogais médias altas “e” e “o”, pronunciando-as como médias abertas [E] e [□]. Este fenômeno é característico no português brasileiro, não havendo variação para estas vogais no espanhol.

Dados 2:

s[ε]	B1: s[ε]	B2: s[ε]	B3: s[ε]
cant[o]	B1: cant[o]	B2: cant[o]	B3: cant[o]

Todos os enunciados foram pronunciados conforme fundamentado, mostrando que os alunos brasileiros compreenderam que no espanhol não se faz alçamento de vogais médias altas “e” e “o” em contextos postônicos finais para [I] e [Y]. O alçamento vocálico é característico no português brasileiro, não havendo variação para estas vogais no espanhol.

Dados 3:

c[o]m	B1: c[o]mo	B2: c[o]mo	B3: c[o]mo
[ʊ]n	B1: [ʊ]n	B2: [ʊ]n	B3: [ʊ]
s[α]ngra	B1: s[α]ngra	B2: s[α]ngra	B3: s[α]ngra

Apenas os enunciados ‘*como*’ em B2 e B3, e ‘*un*’ em B1 e B2 foram pronunciados

de acordo com Wall et al. (1990, 241-242). Para os demais dados ocorreu interferência linguística, pois os cantores trouxeram da língua materna a assimilação de nasalidade, tornando nasais as vogais seguidas por consoantes nasais [μ v N], não ocorrendo o “quase imperceptível grau de nasalidade” proposto por Brisolara (2016, 50).

Grupo 2: Consoantes

Dados 4:

Espanhol europeu (*distinción*): ‘presiento’, ‘danza’, ‘parece’, ‘aveçina’

pre[σ]iento

B1-EE: pre[σ]iento B2-EE: pre[σ]iento B3-EE: pre[T]iento

dan[T]a

B1-EE: dan[T]a B2-EE: dan[σ]a B3-EE: dan[σ]a

pare[T]e

B1-EE: pare[σ]e B2-EE: pare[T]e B3-EE: pare[σ]e

ave[T]ina

B1-EE: ave[σ]ina B2-EE: ave[T]ina B3-EE: ave[σ]ina

Nestes enunciados foi proposta a pronúncia do espanhol europeu considerando o fenômeno *distinción*, em que se contrastam os fonemas /s/ e /T/ nas ocorrências de “s”, “z” e “c” (ce, ci), conforme fundamentado. Os dados mostram que os alunos brasileiros não compreenderam bem este processo, optando pelo *seseo* em maior parte, muito provável pela ausência do som [T] em sua língua materna, e por ser o *seseo* mais ocorrente na América Latina que a *distinción* e o *ceceo* do espanhol europeu.

Dados 5: Espanhol Americano: (*seseo*): ‘luz’, ‘esperanza’, ‘cançión’

lu[σ]

B1-EA: lu[σ] B2-EA: lu[σ] B3-EA: lu[σ]

esperan[σ]a

B1-EA: esperan[σ]a B2-EA: esperan[σ]a B3-EA: esperan[σ]a

can[σ]ión

B1-EA: can[σ]ión B2-EA: can[σ]ión B3-EA: can[σ]ión

Nestes enunciados foi proposta a pronúncia do espanhol americano considerando o fenômeno *seseo*, com pronúncia [s] a todas as ocorrências de “s”, “z” e “c” (ce, ci). Os dados mostram que os alunos brasileiros compreenderam este processo, provavelmente por aproximação à língua materna. No caso 1, a pronúncia dos alunos conferiu sotaques e estrangeirismos ao repertório proposto.

Caso 2

Grupo 1: Vogais

Dados 1:

esquee, é, céu, gesto, José; hora, bossa, possa, sozinho, sol.

Nestes enunciados as vogais em destaque não foram pronunciadas conforme o português brasileiro, não ocorrendo o abaixamento de vogais médias altas “e” e “o” para [E] e [O]: E1: *esqu[ε]ce*; E2: *[ε], h[o]ra, b[o]ssa, p[o]ssa*; E3: *c[ε]u, s[o]zinho, s[o]l, g[ε]sto, Jos[ε]*. Ocorreu interferência linguística, pois a língua materna destas cantoras não conta com estas variações. Os dados mostram que a ausência de abaixamento vocálico provocou alteração semântica: de verbo ‘possa’ a substantivo ‘poça’; de substantivo ‘céu’ a pronome ‘seu’ e de substantivo ‘sol’ a verbo ‘sou’.

Dados 2:

segue, sempre, que, ave, espanta; o, cantando, corpo, resto.

Nestes enunciados as vogais em destaque não foram pronunciadas conforme o português brasileiro, não ocorrendo o alçamento de vogais médias altas “e” e “o” para [I] e [Y]: E1: *segu[ε], [ε]spanta, [o], cantand[o]*; E2: *sempr[ε], qu[ε], corp[o], [o]*; E3: *av[ε], rest[o], [o]*. Ocorreu interferência linguística, vez que o sistema vocálico da língua materna destas cantoras não conta com estas variações.

Dados 3:

canta, sente, pandeiro, vento, candeia, fonte, profundo; samba, treme, sempre, fim, caminho; tango, ginga.

Nestes enunciados as vogais em destaque não foram pronunciadas conforme o português brasileiro, não ocorrendo assimilação de nasalidade de vogais próximas a consoantes nasais $[\mu \nu \eta N]$: E1: *c[α]nta, s[ε]nte*; E2: *s[α]mba, t[α]ngo, tr[ε]me, g[ι]nga, p[α]ndeiro, s[ε]mpre*; E3: *c[α]ndeia, v[ε]nto, f[ι]m, cam[ι]nho, f[ο]nte, prof[υ]ndo*. Ocorreu interferência linguística, com excessiva articulação das consoantes nasais, como em ‘sa[μ]ba’, ‘ve[ν]to’. Observa-se maior nasalidade na pronúncia da paraguaia devido ao contato com o Guarany, segunda língua do Paraguai; porém, maior dificuldade para produzir vogais nasais foi para a equatoriana, e em segundo lugar para a boliviana.

Grupo 2: Consoantes

Dados 4:

Veloso, as ásguas; mais mais, desgosto, ásguas de.

Dados 5:

belesa, tristesa, sosinho, ansol.

Em dados 4 a “s” em destaque não foi pronunciada de acordo com o português brasileiro, não ocorrendo assimilação de sonoridade de [σ] para [ʒ] em contexto intervocálico: E2: *Velo[σ]o*, E3: *a[σ]_águas*, e em proximidade a consoante sonora:: E1: *mai[σ] mais*; E3: *água[σ] de; de[σ]gosto*. Ocorreu interferência linguística, vez que as cantoras trouxeram da língua materna o *seseo*, quando “s” e “z” soam [σ], o que pode explicar o ensurdecimento de “z” também na pronúncia em dados 5, como: E1: *bele[σ]a; triste[σ]a; E3: so[σ]inho, an[σ]ol*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No recorte analisado os dois grupos tiveram dificuldades na pronúncia da língua estrangeira. A interferência linguística ocorrente na maioria dos casos conferiu sotaques, regionalismos e estrangeirismo às canções propostas. Diante disso, neste processo ensino-aprendizagem o professor de canto contribui melhor ao aplicar estudos de fonética articulatória, alfabeto fonético internacional, transcrição fonética, com ênfase nas características fonético-fonológicas que distinguem cada uma destas línguas, para que os alunos possam cantar estes e outros repertórios com dicção adequada. Vale salientar que uma boa performance vocal depende também de estudos linguísticos; e quando o cantor realiza detalhes fonéticos contribui para com a identidade da língua perante o mundo.

REFERÊNCIAS

BRAWERMAN-ALBINI, A.; KLUGE, Denise C. **O desafio da pronúncia na formação de professores de Inglês**. Anais XI Encontro Celsul, SC, 2010, p. 1-9.

BRISOLARA, L. B., SEMINO, M. J. Israel. **Como pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: ejercicios prácticos**. Campinas: Pontes Editores, 2016. 2ª. Ed.

CRISTOFARO-SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2010.

KAYAMA, A. et al. **Normas para a pronúncia do português brasileiro no canto erudito**. *OPUS*; v. 13, n. 2, dezembro, 2007, p. 16-38.

LA Linguística Española. Disponível em: <<https://sites.google.com/a/geneseo.edu/spanish-linguistics/spanish-phonology/seseo-ceceo-and-distinction>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PINHEIRO, A. **Análise comparativa do uso da tabela fonética do Português Brasileiro cantado por cantores argentinos com e sem o uso de um recurso áudio visual**. 2010. Dissertação (Mestrado em Música), UNESP, São Paulo.

ROCHA, J. **Contribuições da fonética no processo ensino-aprendizagem da pronúncia de línguas no canto**. 2013. Dissertação (Mestrado em Artes/Música), UFU, Uberlândia.

WALL, J.; CALDWELL, R.; GAVILANES, T.; ALLEN, S. **Diction for singers: a concise reference for English, Italian, Latin, German, French, and Spanish pronunciation**. USA: Robert Caldwell, 1990.

SOBRE A ORGANIZADORA

JOSIANE PAULA MALTAURO LOPES Doutora em Música - Linha de Pesquisa Educação e Música pela UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2018). Mestre em Música - Educação Musical pela UDESC - Universidade Estadual de Santa Catarina (2010). Especialista em Docência no Ensino Superior pela Unipan/Faciap de Cascavel (2007). Possui graduação em Licenciatura em Música pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (2005) e graduação Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná (2005). Atualmente é Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da área de Arte/Música no IFPR *Campus Assis Chateaubriand*. Foi Coordenadora de Ensino do *Campus Assis Chateaubriand* do IFPR no ano de 2018. Atuou como Professora EBTT do IFMS da área de Artes/ Música. Foi Coordenadora da Especialização *lato sensu* em Docência para a Educação Profissional, Científica e Tecnológica no IFMS - Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus Ponta Porã*. Atuou no setor administrativo do IFMS *Campus Ponta Porã* como Chefe de Gabinete de 2011 até 2015. Atuou como bolsista FNDE na Coordenação de Polo de Educação à Distância do IFMS em parceria com o município de Ponta Porã no período de 2013 a 2015. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Música, atuando principalmente nos seguintes temas: música, musicalização, educação musical de jovens e adultos, educação musical ambientes formais e não-formais, expressão vocal e educação musical. Alguns trabalhos publicados e apresentados em congressos regionais e nacionais na área de Educação Musical.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizado Inicial do Violino 7, 71, 72, 73, 74

Audiação 6, 8, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 41

B

Barítono 6, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 60, 61

C

Canto 6, 8, 3, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69

Carl Orff 5, 8, 8, 9, 10, 14, 24

Classificação Vocal 51, 52, 53, 54, 60, 61

Cognição 71, 74, 78, 79

Criatividade 4, 15, 17

Cultura de Pares 5, 8, 9, 12, 13, 14

D

Desenvolvimento 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 26, 33, 34, 36, 39, 41, 42, 58, 59, 65, 66, 71, 72, 73, 74, 75, 76

Dialética 15, 18, 34, 36

Dicção para Cantores 6, 8, 43

E

Educação Infantil 5, 8, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7

Educação Musical 5, 6, 8, 3, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 21, 23, 24, 27, 29, 31, 62, 73, 79, 80

Espanhol Cantado 43

I

Improvisação Livre 5, 6, 8, 16, 23, 24, 27, 28, 29

Influência do Canto na Interpretação da Viola 64

Interpretação Instrumental 6, 8, 64, 65, 66, 67, 69

L

Linguagem 5, 6, 8, 1, 2, 4, 6, 10, 11, 22, 26, 27, 28, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 66, 68

M

Movimento Escola Moderna 5, 6, 8, 23, 24, 25, 27, 29

Murray Schafer 15, 16, 17

Música 2, 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 50, 51, 55, 58, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 79, 80

P

Pedagogia Freinet 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30

Pedagogia Histórico-Crítica 6, 8, 22, 31, 33, 41, 42

Pedagogia Vocal 43, 51, 52, 63

Português Brasileiro Cantado 43

Práticas Pedagógicas 15, 72

Psicologia Histórico-Cultural 6, 16, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 41, 42

R

Reprodução Interpretativa 5, 8, 9, 12, 14

Retórica e Oratória 64

S

Ševčík 6, 7, 9, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

T

Técnica Vocal 54, 59, 60

V

Violino 6, 7, 9, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-548-8

